



Ensino de adultos

Uma viagem pela criatividade

Portugal, Irlanda, Espanha, Reino Unido, República Checa, Alemanha, Malta, Turquia e Roménia são os nove países participantes no projeto *Let's do it creatively for the benefit of adult learners* (“Vamos ser criativos para benefício dos alunos adultos”), uma iniciativa do programa europeu Grundtvig. Durante dois anos, os diferentes parceiros trabalharam juntos para encontrarem boas práticas, trocaram experiências, conhecerem novos métodos. No início deste mês, reuniram-se em Dublin, na Irlanda. especialistas daqueles países e foi lançado um livro com as conclusões do projeto. O JL/Educação acompanhou esse encontro, falou com representantes de todos os países, com o seu coordenador geral e destaca o trabalho da Arte-Via, cooperativa artística e editorial da Lousã, parceira portuguesa deste projeto internacional

Francisca Cunha Rêgo

S

Sobe as escadas devagar. O grupo ultrapassa-a e ela segue, no seu ritmo, degrau a degrau. Casaco de malha preto aos ombros, carteira na mão direita, e a mão esquerda, bem segura ao corrimão largo. Chega ao topo e pára, fica imóvel junto à grande porta da biblioteca do Trinity College, em Dublin, na Irlanda. Inclina o pescoço para cima. Abre a boca em espanto. Dá um passo. Atrave-se a entrar. À sua frente, milhares de livros. Olha as lombadas, aproxima-se dos bustos de alguns dos grandes escritores da história da Literatura. A emoção é demasiado forte. Os olhos ficam brilhantes, ainda mais brilhantes, e duas lágrimas gordas atravessam-lhe o rosto. “Talvez ninguém seja capaz de compreender, mas o cheiro dos livros, emociona-me. Estar nesta biblioteca onde se abrigam os grandes conhecimentos do mundo, onde tantos homens e

mulheres estudaram, comove-me profundamente”, diz. Chama-se Sara da Conceição Santos, tem 71 anos, e está em pleno Trinity College porque é uma das alunas da Universidade da Terceira Idade, da Arte-Via, cooperativa artística e editorial da Lousã (ver caixa), a entidade portuguesa que participa no último encontro do projeto *Let's do it creatively for the benefit of adult learners* (Vamos ser criativos para benefício dos alunos adultos). Trata-se de uma iniciativa do programa Grundtvig, destinado ao ensino de adultos, financiado pela União Europeia (UE), que no início de julho, reuniu os parceiros de oito países (faltou a Alemanha) na capital irlandesa, para discutir e apresentar boas práticas relacionadas com o ensino de adultos. Nestes projetos - Grundtvig, Comenius (destinado a alunos de escolas básicas), ou Erasmus (para alunos do ensino superior) - existe a preocupação de que cada participante conheça aspetos da cultura dos países que visita, daí que tivesse feito parte do programa esta ida ao Trinity College, a universidade mais importante da Irlanda, por onde passaram nomes como James Joyce, Samuel Beckett ou Oscar Wilde.

Abordagens criativas na comunicação foi o primeiro de muitos *workshops* apresentados neste encontro internacional. Levado a cabo por Rosemarie McGill, especialista em ensino de adul-

Arte-Via

Um oásis na Lousã



Arte-Via A delegação portuguesa participante no último encontro *Let's do it*

“Tinha muitas ideias para pôr em prática. “A minha cabeça funciona em turbilhão”, confessa. Queria fazer mais. Pelas pessoas, pela região, pela cultura e pela educação. Pensou, porque não criar uma cooperativa de voluntários que desenvolvesse atividades culturais e que organizasse uma universidade para a 3.ª idade para que os idosos da zona pudessem aprender e sentissem-se valorizados? Pós mãos à obra e, em 1999, na Lousã, nasceu a Arte-Via, cooperativa artística e editorial. Ana Filomena Amaral, 49 anos, professora de História durante mais de 20 anos, hoje coordenadora do gabinete de projetos europeus do Agrupamento de Escolas de Arganil, começou as atividades da Arte-Via com “uma iniciativa de arromba”, como recorda. Chamava-se *Em nome da Palavra* e assinalava os dez anos da queda do muro de Berlim. Participaram no encontro Mário Zambujal, Odete Santos, Maria João Seixas, entre outros.

Desde então, organizaram inúmeras iniciativas: lançamentos de livros, exposições, palestras e mesas-redondas. E, mais recentemente, oficinas e apresentações pelo grupo Cantar Arte-Via. Em 2000, nasceu a Universidade do Autodidata e da 3.ª Idade e algum tempo depois concorreram ao primeiro projeto europeu Grundtvig. Chamava-se *Roots & Wings* e abordava os saberes tradicionais portugueses. “Mostrava como das nossas raízes podemos ganhar asas e voar”, conta Filomena Amaral, que também é escritora e está prestes a lançar um novo livro: *Pão e Água*. Nessa altura já Sara Santos, 71 anos, participava nos cursos Arte-Via. Vira a diretora no programa da RTP2, *Travessa do Cotovelo*, de Maria João Seixas. Surpreendida com o seu entusiasmo e determinação disse ao marido: “Aqui está uma mulher com quem eu ia até ao

cabo do mundo”. Nessa altura ainda vivia em Lisboa, onde era 2.ª ajudante num notário, e estava longe de imaginar que, por problemas de saúde do marido, viria para a Lousã. Uma vez ali, foi logo à Arte-Via. E encontrou, como diz, “um verdadeiro oásis”. Literatura, História, Direito, Saúde, Lavoures e Pintura fez cursos de tudo um pouco. “Conheci alguns poetas de que aprendi a gostar, como Fernando Pessoa e seus heterónimos. Fiquei maravilhada com tudo o que aprendi, pois tive que começar a trabalhar muito cedo, com apenas 11 anos. Foi uma segunda oportunidade que me apareceu na vida e estou muito grata à Arte-Via”, conta Sara Santos.

“Uma pedrada no charco”, é assim que Casimiro Simões, 51 anos, vê a cooperativa que tem mais de 50 elementos. Para o responsável do grupo Cantar Arte-Via, o ensino de adultos é algo fundamental: “É muito marcante na comunidade. Produz resultados fantásticos”. Colaborarem em projetos europeus é uma mais-valia: “Abrem-se novos horizontes, conhecem-se novas culturas. Estabelecem-se aqui laços de fraternidade com caminharos comuns”.

Júlia Correia, 41 anos, professora de inglês e, desde 2006, membro da direção, acredita que sem a Arte-Via “a Lousã não seria tão rica”, refere. “Ensinar adultos é um desafio, mas os alunos são tão interessados que é muito compensador”. Neste momento a cooperativa sofreu um revés. O projeto Grundtvig ao qual se candidataram, ligado às questões da língua e dos obstáculos culturais, para os anos de 2012/13, está “em reserva”. “Em tempo de crise começam a sentir-se os cortes. Mas mesmo que seja chumbado não me demovo. Em fevereiro candidatamo-nos novamente. Parados é que não ficamos. O futuro é nosso”, remata Ana Filomena Amaral. JL

tos, do County Dublin Vocational Educational Committee (CDVEC) – o parceiro irlandês do projeto e a entidade organizadora deste encontro – focou-se essencialmente nas abordagens iniciais aos grupos de adultos. Como chegar até eles? Como quebrar o gelo? Que ferramentas usar para os interessar? Da teoria passou rapidamente à prática, pondo todos os participantes de pé, depois de ter distribuído uns cartões pelo grupo (onde se liam palavras como: ‘bibliografia’, ‘introdução’, ‘conclusões’, etc) com o objetivo de gerar conversas que os levassem a formar uma frase lógica. O grupo vencedor tinha elementos de Malta, Irlanda e Turquia e a frase final encontrada era um índice para um trabalho escrito. “Depois de dar algum aquecimento ao cérebro é preciso pôr os corpos a mexer. No ensino de adultos os alunos têm que ser parte envolvida no processo de aprendizagem”, diz Rosemarie McGill ao JL/Educação. “Este tipo de abordagem tem potencial para trabalhos muito diferentes, além de encorajar os grupos a uma competição saudável”, refere ainda.

“Este é, sem dúvida, um processo que vou utilizar com os meus alunos”, afirma Mahmut Develi, 25 anos, professor de inglês no Centro Andirin de Educação do Povo, nesta cidade turca. “Tenho estudantes entre os 20 e os 50 anos e preocupo-me em dar-lhes hipótese de participarem ativamente na aula. Ao ensinar uma língua estrangeira a um aluno adulto tem que se dar muito mais importância à expressão oral. Estes estudantes precisam de ferramentas muito práticas, embora, obviamente, a expressão escrita também faça parte do programa”, refere Mahmut, que participa no encontro com dois dos seus alunos, com mais de 40 anos. O Centro Andirin que representa (este é o primeiro projeto europeu em que participam, uma vez que a Turquia só recentemente é candidata à adesão à UE) é uma instituição estatal, de ensino formal de adultos.

Para Lukás Richterek, 42 anos, professor na Faculdade de Ciências Naturais, no departamento de Física, da Universidade de Palacky, em Olomouc, na República Checa (a segunda mais antiga do país,

fundada em 1573), a criatividade do projeto é a palavra-chave: “Temos muitos alunos de doutoramento e pós-doutoramento e organizamos cursos para a 3.ª idade. São alunos espetaculares. Querem mesmo aprender. Nas áreas de Matemática, Ciência e Tecnologia utilizamos muitas ferramentas multimédia para os motivarmos ainda mais. Nas aulas já utilizei ideias que aprendi com estes parceiros”. Uma delas foi o ‘mapa da mente’. Uma forma de, em cartazes, explicar uma ideia através de palavras e imagens simples. Também o grupo do *Let's do it creatively* fez um destes mapas, sobre maneiras criativas de ajudar os alunos a desenvolverem as suas capacidades de leitura.

Frank Fabri, 36 anos, diretor do Saint Theresa College, em Malta, um entusiasta deste tipo de abordagem, trabalha há pouco mais de três anos com alunos adultos. Como explica ao JL/Educação: “Temos quatro escolas primárias e três secundárias. E percebemos que uma das melhores maneiras de chegar aos nossos alunos é colaborar com os pais, através de cursos de educa-



No ensino de adultos os alunos têm que ser parte envolvida no processo de aprendizagem

ção formal, mas também informal. O Grundtvig foi fundamental no desenrolar deste trabalho”.

FORMAR PARCERIAS

Nicoli Frederick Severin Grundtvig (1783-1872) foi um escritor e homem do clero dinamarquês, considerado um dos fundadores da tradição nórdica que defende a aprendizagem ao longo da vida. Grundtvig acreditava que devia ser possível aprender até provecta idade, de uma forma cidadã, num desenvolvimento pessoal e

cultural. Não é de estranhar que tenha sido o nome escolhido pela UE para apadrinhar um programa de aprendizagem ao longo da vida, para os anos de 2007 a 2013, com o objetivo de “desenvolver e promover os intercâmbios, a cooperação e a mobilidade, a fim de que os sistemas de ensino e formação passem a constituir uma referência mundial de qualidade”, como se pode ler no site oficial do programa. Por ano, participam no Grundtvig 80.000 alunos adultos, como mostra Denise Shanon, 37 anos, da Agência Nacional Irlandesa (Léargas) que gere estes e outros projetos, e que fez uma apresentação neste encontro. Referiu ainda que, destes alunos, 96%, afirmam que a participação estimulou a troca de boas práticas educativas.

Shanon explicou ao JL/Educação como são escolhidas as candidaturas que necessitam, no mínimo, de parceiros de três países: “Todos os anos os candidatos encontram parceiros por si ou nos seminários de contacto Grundtvig. Este grupo conheceu-se no seminário de dezembro de 2008, em Malta. Ao longo desses dias desenvolveram uma ideia e fizeram um esboço do seu programa. Mais tarde, enviaram uma candidatura comum às agências de cada um dos países, onde foi feita uma avaliação rigorosa, com vários critérios. Procuramos que sejam igualitários, de modo a que cada país tenha as mesmas oportunidades de vencer. Cada projeto recebe uma pontuação e é colocado num ranking europeu. Passa depois por outra avaliação sendo aprovado ou não. O *Let's do it creatively* obteve uma ótima pontuação pois demonstrou claramente que os parceiros estavam dispostos a trabalhar juntos, tinham interesses comuns, e os resultados do projeto iriam afetar visivelmente o seu trabalho”.

No caso da Arte-Via, a candidatura foi enviada em fevereiro de 2009, ao PROALV, a Agência Nacional do Programa Aprendizagem ao Longo da Vida. Fundadora e presidente da direção da Arte-Via, Ana Filomena Amaral, 49 anos, técnica superior do Ministério da Educação e também coordenadora dos projetos europeus do Agrupamento de Escolas de Arganil, conta que quando em julho souberam que o projeto fora aprovado começaram logo a trabalhar. E o primeiro encontro, preparatório, decorreu em novembro de 2009, na Lousã, distrito de Coimbra. “Somos uma cooperativa de voluntários ligada às artes, à edição e ao ensino não formal. Decidimos fazer *workshops* de todas as matérias abordadas nos nossos cursos, focando aspetos das tradições culturais da região e do país. Foi um encontro muito dinâmico”, recorda. Aliás, logo na abertura da conferência de Dublin, Marie Griffin, diretora geral do CDVEC, referiu a criatividade portuguesa destacando o trabalho desse primeiro encontro. Seguiram-se mais três encontros *Let's do it creatively*: em Malta, em



Workshop 2 Grupo de participantes de quatro países faz um ‘mapa da mente’



Workshop 1 Abordagens criativas na comunicação

abril de 2010, sobre as tecnologias da informação e a melhor forma de as transmitir aos alunos adultos; na República Checa, em outubro de 2010, abordaram-se formas criativas de ensinar matemática, ciência e tecnologia; e na Roménia, em abril de 2001, focou-se o mundo digital e várias técnicas de ensino de línguas estrangeiras para adultos.

Para o encontro irlandês a Arte-Via, sendo uma instituição de voluntários, tinha planeado dedicar algum tempo a um grupo necessitado de Dublin, mas tal não foi possível. Resolveram, durante a hora e meia do *workshop*, ensinar aos colegas estrangeiros algumas palavras e frases em português - uma vez que o Grundtvig também incentivava estas trocas linguísticas, além de comunicações na língua materna. Foram muitos os "Bons dias" trocados com os mais variados sotaques. A terminar, a delegação portuguesa - constituída por Sara da Conceição Santos, Júlia Correia, 41 anos, professora de inglês e secretária da direção da cooperativa e Casimiro Simões, 51 anos, responsável pelo grupo Cantar Arte-Via -, cantaram *O Que Faz Falta*, de Zeca Afonso, explicando a letra aos parceiros europeus que se deixaram contagiar pela música. "Estamos todos a viver a mesma crise, é preciso que a 'malta' se una", explicou Ana Filomena. "Very bom", disse, entre risos, Krzysztof Jan Bahrynowski, 57 anos, o responsável pelo projeto britânico. A instituição londrina que dirige, Joanna Pinewood Education, é especializada em tutoria para adultos. "Quando se trabalha em educação, sobretudo com adultos, o mais importante é nunca perder o sentido de humor e saber que, à nossa frente, está alguém que tem uma vida inteira de experiências. Só precisa de um pequenino empurrão".

EXPANDIR A MENTE E O CORAÇÃO

"Os objetivos centrais deste encontro prendem-se com competências interpessoais, interculturais, sociais e cívicas na educação de adultos. Procuramos aprender com os nossos parceiros. Claro que as necessidades são diferentes consoante cada cultura e cada país, mas a troca de experiências e métodos é fundamental", diz ao

JL/Educação Marie Griffin, 53 anos, diretora geral do CDVEC, doutorada em Educação. José María Calvarro Fernández, ou Pepe, como é conhecido por todos, 59 anos, não podia concordar mais. É um dos professores responsáveis pelo Centro de Educação de Adultos, em Cáceres, Espanha. "Quando se ouvem outros com os mesmos ou outros problemas, quando juntos chegamos a novas soluções, expande-se a mente e o coração", assegura. "Quando cada um está metido no seu trabalho, na sua noz, não está aberto a mudanças. Este tipo de projetos revitaliza as pessoas e, consequentemente, o trabalho que realizam", refere ainda.

Gabriel Taga, 41 anos, matemático e um dos diretores da Universidade Spiru Haret, em Bucareste, na Roménia - ao contrário de todos os seus parceiros - pensa que, às vezes, é mais difícil ensinar adultos do que crianças: "Um adulto tem muitas mais preocupações com a família, com o emprego. Está menos disponível e por isso é tão importante partilhar as soluções mais criativas que cada parceiro encontrou. O que funciona em Malta pode funcionar muito bem na Roménia".

Para que não só os parceiros *Let's do it* tivessem acesso às conclusões de vários estudos sobre educação de adultos efetuados com alunos e professores ao longo dos dois anos do projeto, foi editada (e lançada em Dublin) a obra *Learning Through Networks: Reflections on Creating Joyful Learning Experiences (Aprender em rede: Reflexões sobre como criar experiências de aprendizagem agradáveis)*. Ali, entre outros aspetos, está contido um Quadro com os princípios básicos deste processo (Framework of enjoyable learning approaches), amplamente explicado por Kevin Harrington (ver breve encontro).

Uma das principais conclusões a que chegaram prende-se com a ideia de que a aprendizagem de adultos só pode existir baseada numa parceria, onde se ouvem as necessidades do aluno, envolvendo-o nos processos de tomada de decisão. Em Dublin, todos parecem ter ficado bem cientes disso. E no resto do mundo? JL

Kevin Harrington Partilhar experiências

“Não às palestras” é uma das palavras de ordem na educação de alunos adultos. Assim o afirma Kevin Harrington, irlandês, 40 anos, o coordenador geral do projeto Grundtvig, *Let's do it Creatively for the benefit of adult learners* (Vamos ser criativos para benefício dos alunos adultos), explicando ao JL/Educação quais os objetivos principais do trabalho desenvolvido ao longo de dois anos. Harrington é vice-reitor, no Stillorgan College of Further Education, em Dublin, que preside ao County Dublin Vocational Educational Committee (CDVEC). Há mais de 17 anos que trabalha com alunos adultos ensinando, entre outras matérias, computação.

JL/Educação: Como surgiu a sua ligação ao projeto *Let's do it Creatively*?

Kevin Harrington: Deirdre Keyes, uma das diretoras do CDVEC já tinha estado envolvida nos projetos Grundtvig e procurava voluntários para este. Voluntariou-me (risos). Mas claro que fiquei muito entusiasmado em participar. Houve então um seminário de contacto, em Malta, em dezembro 2008, e não sabia quem ia conhecer. Este grupo estava todo lá, juntámo-nos, conversámos, tivemos uma ideia e avançamos com a candidatura que, felizmente, foi aprovada. Tornei-me então o coordenador geral do projeto, uma experiência verdadeiramente enriquecedora.

Quais os vossos objetivos principais?

A União Europeia encontrou oito competências chave que todos os alunos em aprendizagem ao longo da vida devem ter. São elas: comunicação na língua materna; comunicação em língua estrangeira; Matemática, Ciência e tecnologia; o digital; aprender a aprender; interpessoais, interculturais, sociais e cívicas; de empreendedorismo; e expressão cultural. Neste projeto procurámos encontrar soluções criativas e inovadoras para ensinar essas competências aos alunos adultos, sobretudo através da partilha de boas práticas. Em Malta, todos tínhamos *backgrounds* diferentes. Alguns eram de universidades, outros de organizações voluntárias, outros de escolas públicas ou de instituições ligadas ao ensino. Em comum, tínhamos o facto de ensinarmos adultos. Era aí que devíamos trabalhar. Além disso, 2009 foi o Ano Europeu da Criatividade e quisemos aliar essa ideia ao projeto.



Kevin Harrington Em alguns casos os alunos adultos precisam de ultrapassar más experiências que tiveram na escola

Mesmo defendendo a criatividade, algumas das apresentações feitas em Dublin foram muito formais...

É verdade. Mesmo a minha... Os professores, às vezes, vão para esta profissão porque gostam muito de se ouvir (risos). Com o *Let's do it* pretendemos que reflitam sobre as suas abordagens e quem sabe o que poderá daí surgir daí. Na universidade fomos ensinados a trabalhar de uma certa maneira. Mudar esses hábitos é muito difícil. Mas estamos a tentar.

Na sua experiência de mais de 17 anos a ensinar adultos, o que é mais importante ter em consideração?

Sobretudo respeitá-los e considerá-los parceiros nesta atividade. Estamos numa viagem juntos e aprendemos uns com os outros. Nos questionários que fizemos a alunos adultos de diferentes países

concluimos, entre muitos outros aspetos, que eles sentiam não estar a ser convenientemente ouvidos. É preciso mudar isso.

Na obra que editaram definem uma grelha de boas práticas. Quais os seus aspetos principais?

Em primeiro lugar é preciso tomar em consideração que os alunos adultos têm necessidades diferentes. Precisam de equilibrar a vida familiar e profissional com o regresso à escola, e de serem ouvidos enquanto adultos. Em alguns casos - não tão poucos assim - os alunos precisam de ultrapassar as más experiências que tiveram na escola. Do lado dos professores, a grande generalidade, acredita que ensinar adultos é muito diferente de ensinar crianças, e sentem dificuldade em afastarem-se das didáticas mais tradicionais. Concluimos que precisamos de ser mais reflexivos, vendo-se como facilitadores dos processos de aprendizagem. Finalmente, para se atingir um ambiente de aprendizagem agradável, a relação entre professor e aluno tem que ser feita em parceria, utilizando técnicas flexíveis, interativas e estimulantes através de métodos de pequenas dramatizações, projetos e discussão em grupo. Não às palestras! JL



Os professores têm que ser facilitadores dos processos de aprendizagem dos alunos adultos